

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de História

História Oral
Professor: Marcos Alvito.

Projeto: "Trabalho e identidade? Trabalhadores no Brasil do século XXI – uma pesquisa de história oral".

Transcrição da entrevista realizada no dia 09/11/2004 na Universidade Federal Fluminense – campus do Gragoatá com William Rocha – artesão.

William, onde você nasceu?

Niterói...

Qual bairro?

Barreto... Niterói, Barreto.

Sempre morou lá?

Não, não... Tive... Já morei já em vários lugares. Morei no Rio, morei em Guadalupe, morei em Irajá... Já passei em vários lugares...

Sua infância foi em qual desses lugares?

Minha infância foi diversificada, foi mais em Padre Miguel, Bangu... Passei mais minha infância em Bangu, Padre Miguel.

E o que você lembra dessa infância?

Olha cara, o problema da infância minha foi um pouco atordoada que meu pai e minha mãe se separou... Então eu não curti muito aquela infância não... A coisa foi meio atordoada... Eu não tinha muito assim... O lado pai e mãe junto... Então isso foi meio confuso. Vivia na casa de um, vivia na casa do outro... Passei a dormir em rua, já dormi... Então não foi muito lá essas coisa não.

Qual a profissão do seu pai?

Meu pai é marítimo. Minha mãe é do lar e manicure.

De lá você se mudou pra onde?

De lá eu vim morar em São Gonçalo. Já saí de São Gonçalo pra morar em Bangu e vim morar em São Gonçalo, em São Gonçalo, graças a Deus, eu tô até hoje.

Com quantos anos você veio pra São Gonçalo?

São Gonçalo foi minha vida toda praticamente. São Gonçalo desde que eu nasci, saí pro Rio, mas voltei... Vida toda praticamente, minha vida toda... Tô com quarenta e cinco anos agora mas praticamente em São Gonçalo a vida toda... E vou voltar agora, vou casar e vou morar em São Gonçalo agora.

E com que idade você começou a trabalhar?

Rapaz, eu desde garoto. Desde garoto porque eu trabalhava em feira, coisa e a garotada não faz isso. A gente na minha época de garoto, pai e mãe não dava dinheiro, né! Então o que que a gente tinha que fazer? Tinha que fazer um carrinho, pegar um caixote e fazer um carrinho e carregar compra em feira. Então desde garoto, desde pequeno a gente trabalha. Fazendo feira, fazer "mandado" pros outros que hoje em dia o pessoal não faz isso, mas a gente antigamente fazia, né, fazia recadinho, ia fazer "mandado" comprar as coisas para as pessoas, pagar conta de água e luz desde garoto, desde pequeno...

E você, então, depois passou a trabalhar com o quê?

Olha aí até eu chegar ao artesanato que realmente é o que eu to fazendo hoje em dia eu fui metalúrgico, trabalhei em bancário, a maioria, bastante tempo eu fui metalúrgico...

Metalúrgico em Niterói?

Niterói, estaleiro Maclaren do qual acabou... Mas trabalhei na Montreal... Mas depois eu passei a trabalhar com artesanato e até hoje, gostei, não tenho vontade de parar mais...

Durante quanto tempo você trabalhou como metalúrgico?

Seis anos, seis anos mais ou menos...

Gostava?

Gostava, na época gostava. Hoje em dia não, mas na época gostava muito mesmo.

E aí você foi bancário...

Bancário... Bancário eu fui pouco tempo. Bancário eu devo ter sido um ano, dois anos só, mas não me identifiquei com a coisa não. Até porque também não deu certo também, não era o que eu esperava aí saí...

E como metalúrgico ou como bancário você chegou a participar de alguma associação ou das atividades da categoria, de algum sindicato, alguma coisa?

É... Como metalúrgico sim. Participava do sindicato dos metalúrgicos e reivindicamos muita coisa, participava bastante lá, né... Principalmente no estaleiro que era muita injustiça, né... Tinha semana, pô, alimentação ruim, tinha que chegar no bandeirão, parar o bandeirão, pedir pro pessoal não usar o bandeirão, salário também... Metalúrgico eu participei bastante, metalúrgico eu participei muito, época de metalúrgico também foi época que a gente lutamo pelas "Diretas Já" também, né. Então nós fomos muito a comício, muita coisa pelas "Diretas Já"... [**Há uma interrupção de uma pessoa conhecida do William...**]

Foi isso mesmo, com certeza metalúrgico eu participei bastante...

E aí começou a trabalhar com artesanato... Foi quando?

Rapaz, artesanato foi uma coisa que eu nem imaginava que realmente eu ia conseguir trabalhar com artesanato, mas eu vendo um amigo meu, o pessoal que trabalha com artesanato... Fui trabalhando, fui pegando gosto... Aí um belo dia eu consegui uma licença na Praça XV e o artesanato eu passei a tomar gosto com ele porque eu também via o lado financeiro... Eu trabalhava com artesanato, mas eu não sabia que tinha esse lado financeiro e na minha época que eu trabalhei, comecei a trabalhar com artesanato eu ganhei muito dinheiro... Époça de Praça XV aonde que entrou muita grana e eu nem imaginava. Hoje em dia não, mas na época que eu trabalhei com artesanato era dinheiro demais da conta...

E alguém te ensinou? Você falou que um amigo seu começou a...

Não. É o artesanato foi mais intuição, né... Eu vi o rapaz trabalhando, é o amigo meu trabalhando e dali eu parti mais ou menos do processo que ele fazia e de lá pra cá eu fiz sozinho... Até porque artesanato ninguém se ensina, né, os caras que tão trabalhando aí que são artesão antigo, eles não ensina muito não, não tem muita manha não, entendeu? Esse pessoal que tá trabalhando aí agora eles não têm idéia nenhuma. Hoje mesmo eu tava ligando pra um artesão do Acre e eu aqui de casa tava explicando ao cara do Acre como se trabalhar... [**Nova interrupção. Dessa vez algumas clientes...**]

Você tava falando que você tinha falado com um amigo seu do Acre...

Justamente, porque o lance que a gente tava comentando é o seguinte: artesanato ninguém ensina ninguém cara... Eu tava falando com o cara do Acre agora, o cara pô tem trinta funcionário e eu ensinando coisa que ele nem imaginava fazer. O cara trabalha no Acre, dá polimento em coco, corta coco e agora no telefone, conheci ele há pouco tempo e ensino ele a trabalhar. Eu faço coisa que ninguém faz: ensinar... Ninguém ensina nem pelo cacete. Quem sabe, sabe, quem não sabe não ensina... Sei lá... Não sei se é medo de competição ou deixa o cara quebrar a cabeça. Eu não, não tem essa história não, se eu puder ensinar, eu ensino.

Você tava falando com esse amigo do Acre... Existe uma relação assim entre as pessoas do artesanato... Vocês se comunicam, você já conhecia...

Não, muito pouco. A comunicação dos artesãos é muito pouco. Os artesãos pouquíssimos um fala com o outro assim... A não ser de feira, né... Mas a comunicação ali no dia da feira... Domingo, todo mundo se comunica, pá, conversa, não sei o quê... Acabou a feira cada um pro seu lado, só semana próxima ou algum evento. Fora disso a comunicação é muito pouca.

Quais são os instrumentos que você mais usa no fabrico... das suas peças?

Olha, no meu trabalho que eu uso no dia-a-dia direto: serra, que é super perigoso não aconselho ninguém a trabalhar com serra circular, máquina de furar que eu trabalho noventa, vinte quatro horas por dia com máquina de furar, a máquina e esmeril, esmeril é o uso assim também, é uso básico... Ferramenta, máquina de oficina é esmeril, máquina de furar e serra. São trabalhos que têm que ser vinte e quatro horas, não tem como...

E você faz o artesanato, fabrica aonde?

Fabrico em casa, eu tenho uma oficina em casa, aí em casa a gente fabrica e alguma coisa se compra no Rio pra complementar. Têm coisas que não tá valendo mais a pena fazer em casa. Então aí algumas coisas a gente tá comprando fora pra poder manter a banca.

Como é lá na sua casa, seus filhos moram, moram com você?

Não, não... Eu moro minha casa eu, mora eu, minha mãe... só eu, minha mãe e meu irmão. Meus filhos moram com a mãe em Marica.

E você e seu irmão trabalham...

Meu irmão trabalha de segurança, né. Meu irmão trabalha numa empresa de segurança e eu trabalho como artesão.

Certo... E você expõe em que lugares com frequência?

Olha, o lugar de mais frequência que eu trabalho assim com mais frequência é UFF, aqui o campus da UFF, Gragoatá, e agora eu descobri UERJ. Então são os dois lugares com mais frequência que eu trabalho.

Duas universidades...

Duas universidades... Até porque o povo de universidade é um povo melhor pro meu trabalho porque a experiência que eu trabalho de rua, de feiras por aí é péssima. Têm feiras aí como a do Mauá que você trabalha, você perde material, você gasta, o pessoal rouba e não tem jeito. Então melhor público que eu achei pra trabalhar foi aqui. Tive uma experiência agora péssima. Fui dar aula lá na FAETEC, montei uma oficina lá, tive um prejuízo monstruoso na FAETEC. Me levaram material, me levaram um bucado de coisa, tive um prejuízo medonho. Então não trabalho em outro lugar a não ser UFF e UERJ.

Então... Como é essa relação da universidade com você?

Rapaz, a universidade aqui comigo é assim uma coisa melhor, sabe, é uma das coisas mais bonitas que eu achei na minha vida, uma das coisas melhores que eu encontrei pra trabalhar. E eu, sinceridade, eu não sabia que dentro da universidade era tão bom de trabalhar como eu descobri agora. Tem um público bacana, o pessoal ajuda, respeita o trabalho, valoriza, entendeu... Até porque eu trabalho aqui dentro, eles me ajudam bastante. Pra mim aqui dentro cara, eu não tenho nem palavras pra dizer aqui dentro da universidade, eu gosto demais da universidade e se eu pudesse eu trabalharia a minha vida toda aqui dentro, entendeu, gosto demais da universidade.

Você tava falando é... Você tava falando do período quando você começou que era diferente o artesanato do que é agora... Explica um pouco melhor, fala um pouco disso...

Olha, o problema do artesanato nos anos 60 é que o pessoal antigamente a gente produzia o artesanato, cada um produzia o seu, cada um vendia e hoje em dia não. Hoje em dia as pessoas de Bahia, Belo Horizonte, algumas comunidades descobriram o artesanato como fonte de renda, então têm pessoas que viraram empresário. Então os caras tão produzindo maciçamente e ta espalhando pela cidade. Então não tá tão assim como era, até porque eles têm material pra trabalhar mas agora a competição é muito grande. O cara que tá produzindo na Bahia, Maranhão, aí pra cima... O cara vem pra cidade, pro

Rio de Janeiro pra vender artesanato a preço de banana. Então isso prejudica um pouco a nossa vida de artesanato porque a gente trabalha sozinho e os caras lá têm pessoas que têm trinta, quarenta funcionários. O cara trabalha, trabalha lá, chega aqui e vende um troço assim a preço de banana. E a gente que tá trabalhando aqui, que sabe que é o duro que dá... Tá difícil, é muito difícil, muito difícil mesmo...

Como é que é a renda familiar lá na sua casa?

Olha rapaz, a renda familiar lá é de acordo com o trabalho. Se eu fizer um trabalho legal, aí a renda vai ser um trabalho, eu vivo assim... De acordo com o trabalho. Se eu fizer um congresso, alguma coisa que eu faça uma boa venda, aí vai ser, eu vou botar minhas coisas em dia, vou botar minhas obrigações... Agora quando eu faço uma feira ou um encontro, alguma coisa que não dê resultado, eu fico aguardando uma melhoria. Então a renda é uma renda instável, a gente não tem, não sabe, não tem certeza...

Todo mundo ajuda...

Não, não. Em casa só eu que ajudo. Eu mantenho com o meu trabalho eu e mais cinco pessoas. São quatro filhos e a mãe deles. Então eu mantenho essa galera com o artesanato.

Existe alguma associação, cooperativa de artesãos aqui em Niterói?

Rapaz, existir já existiu... Só que não foi a frente, o artesanato infelizmente o pessoal monta cooperativa ou monta associação e daqui a pouco todo mundo quer se intitular chefe, quer se intitular a mandar na cooperativa, então a qual vai e acaba. Até porque também não tem apoio. Prefeitura não apóia, órgão nenhum apóia, Prefeitura, Sebrae, nada. Eles diz que apóia, chega na hora não tem apoio nenhum.

Você chegou a fazer parte então...

Cheguei a fazer parte, com certeza.

Você, William, gostaria de hoje exercer uma outra profissão?

Olha, se eu pudesse sim, se eu pudesse sim... Mas de momento não tô tendo condições...

Qual profissão?

É... Produção cultural, produtor cultural... Produção cultural, eu gostaria muito de trabalhar... Produção cultural e... Mas no momento, né... Não tenho condições nenhuma, mas se pudesse queria mexer com produção cultural.

Você tem um sonho? Esse é o seu sonho?

Meu sonho agora é montar... Meu sonho de trabalho agora é montar como se fosse uma comunidade... Meu sonho é esse. É montar uma oficina, ter algumas famílias que precisam trabalhar, que tenha carência, que queira trabalhar e dali eu trabalhar com eles, entendeu... Todo mundo produzir, importar, exportar, mas fazer uma coisa grande. Até porque também eu tenho muita idéia, muito material que ainda não consegui, né, pôr em prática ainda. Então meu sonho é esse, é ter um lugar pra botar tudo em prática. Fazer um bucado de material que não existe ainda na banca. Até porque ninguém produz ainda. Então meu sonho seria esse... Porque tem muita gente carente mesmo aí, precisando mesmo de trabalhar e eu tenho, eu tenho esse projeto e tenho essa idéia que daria super certo. Agora gostaria de saber também se as pessoas que tivessem ajudando também estaria interessado. Porque mão-de-obra no Brasil aqui em geral tá difícil... Mão-de-obra você tá com uma dificuldade danada. Você põe uma pessoa pra trabalhar, daqui a duas, três semanas ou um mês o cara tá te botando na justiça... Então tá difícil trabalhar com esse pessoal. Mesmo que você queira ajudar... Eles depois não têm consideração. Então, a idéia mais tarde seria isso... É montar um local apropriado...

Você consegue entender porque isso acontece?

Rapaz, entender eu não entendo não, mas eu acho que o pessoal de repente imagina que você tá montando uma oficina, que você tá vendendo bem, que você de repente tenha dinheiro e que eles queiram ganhar mais, sei lá, eu acho que o caminho é esse... Não tenho nem idéia do que tá acontecendo porque agora mesmo eu liguei pra esse cara do Acre agora ele tá fechando a oficina dele no Acre com trinta funcionários e já tá querendo parar porque o aborrecimento é grande, entendeu, você bota um funcionário lá, daqui a pouco o cara te denuncia. Aí você vai como acontece com um amigo meu: você tem que vender máquina, você tem que fechar a oficina pra pagar o funcionário, então, você não consegue ir a frente.

Você acha então que o número de artesãos e de pessoas que fazem artesanato vêm diminuindo?

Vem diminuindo, poderia ser melhor se o pessoal, né, como eu tava te falando, se tivesse cooperativa, se o pessoal se entendesse um e outro, na realidade eu acho que é isso, pessoal vai se entender um e outro porque o cara pra trabalhar em ritmo de cooperativa o cara tem que ser ruim como têm pessoas aí que não é mole. Têm pessoas de Belo Horizonte que bota o cara pra ralar, pra trabalhar e trabalha o cara severo, aí por incrível que pareça dá certo... Mas se for fazer um trabalho mais tranquilo, tem apurrinhação com certeza, com certeza tem apurrinhação.

Você já trabalhou em outro Estado, já teve experiência em outro Estado?

Não, não por enquanto não... Pretendo, mas por enquanto não. Eu pretendo ir pra Bahia, Camacã. É lá que eu pretendo ver se eu consigo montar uma oficina. Até porque é longe, mas é lá que eu tô tendo essa idéia.

Então você pretende se mudar?

Não é nem mudar não... Eu pretendo montar uma oficina lá, produzir lá e trazer pro Rio. Porque lá fizeram um pólo de artesanato. Então lá o pessoal tá se situando. Todo mundo tá vivendo da bijuteria em coco. Então lá eu acredito que por o pessoal tá vivendo com a bijuteria de coco, a mão-de-obra vai tá melhor, o produto tá melhor. E eu acho que lá o pessoal também por enquanto que eu sei não tá dando muita apurrinhação não. E é lá que eu pretendia estar. Até porque lá tem fartura de material, aqui no Rio nós não temos.

William, o que significa pra você hoje ser trabalhador? Como é a sua relação com o seu trabalho?

Rapaz olha, minha relação com o meu trabalho é a melhor coisa possível cara... É tudo, tudo, tudo... A melhor coisa possível até porque eu tenho um compromisso com filhos. Então através desse descobrimento com filhos, pra mim esse trabalho com artesanato é uma das melhores coisas do mundo e eu também tenho uma pessoa que pô pra mim é meu braço direito do meu trabalho que é minha esposa, né. Então, através dela esse trabalho pra mim é gratificante, que se não fosse minha esposa eu já tinha abandonado isso tudo... Mas ela dá valor tão grande ao trabalho, tão grande, tão grande o valor que ela dá, o apoio dela é tão grande que a cada dia que passa eu tenho mais vontade de fazer o artesanato, mais vontade de botar minha idéia a frente, mas se não fosse ela eu não teria mais assim esse ânimo todo... Porque é duro cara, é duro, tem hora que você tá trabalhando, você não vê uma luz no final do túnel, você tá correndo, correndo, correndo, as dificuldades tá aí, mas eu tenho minha esposa que pô dá uma força medonha. Então tá sendo bom, tá sendo ótimo demais da conta. Mas tá sendo assim por causa desse apoio que eu tô tendo, senão acho que eu não conseguiria manter.

Você acha que seus filhos vão seguir esse caminho também do artesanato?

Olha, eu tô conversando com todos eles, acredito que se for realmente o que eu tô esperando, até eles se formarem numa faculdade, até eles se fazerem a vida deles, eu já tô preparando os quatro pra isso, já tô preparando os quatro pra esse material, já tô desenvolvendo um trabalho nos quatro de montar uma oficina, tô desenvolvendo um trabalho com eles de montar uma loja... Eles já tomam conta da barraca, eles já fazem produto. Então, até eles se formarem

no que eles quiserem no momento eu vou manter os quatro assim, vou dar estrutura pra eles...

Mas todos eles estão estudando?

Todos eles estão estudando, todos quatro, mas eu vou... A idéia minha pra que eles não sofra muito em trabalho, eu já tô deixando uma estrutura boa para os quatro. Mais tarde, mais tarde com certeza se eles levarem meu trabalho a frente, eles vão ter fruto com o meu trabalho. Eu não tive, mas eles vão ter porque eu tenho certeza... Eu já provei pra eles que o trabalho com coco, com artesanato dá dinheiro, eles têm condições de se manter.

Você gosta de política, William?

Mais ou menos, o problema da política é que tá atrapalhando um bucado de coisa na nossa vida, né, esse é que é o problema da política. Gostar a gente gosta, mas ao mesmo tempo que ela beneficia a nossa vida, ela atrapalha bastante também. A seriedade dos políticos aí, a galera, entendeu, ao meu ver... Não sei se realmente eu tô com razão, mas ao mesmo tempo que a política traz benefício, traz tudo de bom, ao mesmo tempo também, pô, tá prejudicando bastante a nossa vida. Com certeza...

Tem alguma coisa que você queria falar agora... Sem eu perguntar, qualquer coisa sobre o seu trabalho, que você queira falar sobre um tema específico ou não... O que é que você achou desse bate-papo...

O bate-papo realmente... É bom estar conversando com a pessoa pra pessoa saber do nosso trabalho. É... Como é que se diz... Ter idéia do que tá sendo o artesanão... Uma coisa assim que eu queria específico assim que seria legal é que tipo assim as universidades... A minha idéia... A universidade abrir o espaço para os artesões, não ser assim tão discriminado como é pra gente trabalhar dentro da universidade. Tipo assim... A universidade podia fazer um projeto. Tanto os artesões como aluno porque tem aluno aqui dentro que é artesão, que precisa trabalhar, entendeu, pra ganhar uma grana pra dar continuidade no colégio e tá aí com dificuldade. Tem artesão aqui dentro da universidade que, pô, não consegue expor aqui dentro. Eu acho que isso teria que ver esse quadro, quem é artesão, quem faz algum tipo de qualquer trabalho e a universidade abrir um campo, um espaço pra eles, uma feirinha em quinze em quinze dias ou em vinte em vinte dias, ou uma vez no mês uma feira. Essa é que a idéia seria legal. Tanto vai me ajudar como artesão e como vai ajudar muito aluno. Tem muito aluno aqui dentro que sabe fazer um bucado de coisa e tá sem poder fazer.

A universidade discrimina um pouco...

Isso... É discriminado dentro da universidade. Eu acho que teria que ser pensado isso aí. Pensar, montar assim um trabalho entre alunos e artesões e dali, pô, o campo aqui dentro é muito grande, o espaço é muito grande... Deveria se bolar uma feira aqui dentro, entendeu, acho que todas as universidades, não só a UFF, como a UFRJ, como UERJ, todas as feiras... Deveria ter uma secretaria, alguma coisa que tem que promovesse uma feira entre artesão e aluno, que tem aluno aí que tá precisando se manter no colégio e é uma fonte de renda pro cara e não tem esse projeto. O aluno aqui dentro é discriminado e o artesão também. A gente trabalha aqui dentro por consideração de muitos diretores e a gente tem um pouco de cara de pau. Mas senão... Senão o cara não trabalha aqui dentro da universidade. Se o cara não for um pouco cara de pau e insistente aqui dentro, não trabalha. Eu acho que a universidade teria que rever isso aí. Dá mais oportunidade para as pessoas. Isso aí.